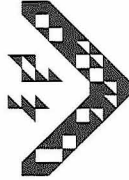


Ver em Baixo a Olhar para Cima

336

Marta Traquino

Doutoranda em Arte Pública FBAUL / Bolseira FCT



1. *Entrar na sala.*
2. *Sentar na cadeira junto à mesa.*
3. *Procurar o céu com o olhar.*
4. *Observar a cor de uma porção de céu.*
5. *Pintar na folha de papel uma amostra da cor observada.*
6. *Assinar e escrever a hora do registo da cor.*
7. *Fixar a folha de papel no quadro da parede.*
8. *Lavar o pincel, fechar os tubos de tinta, deixar o excesso da tinta usada na paleta.*

Estes são os oito momentos a realizar pelo visitante/participante do projecto “Que cor tem agora o céu?”. Escritos numa folha de papel com a designação “Proposta para Acção” a entregar em mão, por mim, a cada pessoa no momento da sua entrada na sala. “Que cor tem agora o céu?” é uma instalação/acção a acontecer no centro de uma grande cidade, num espaço/sala cuja função de origem seja a de um lugar de trabalho/criação (enquanto ateliê ou oficina, por exemplo). O espaço deverá ter uma janela da qual apenas uma pequena porção de céu possa ser vista, delimitada pelas arestas dos volumes dos edifícios ou outras construções envolventes.

A instalação/acção terá a duração das horas da luz natural que passa pelo espaço ao longo de um dia, do nascer ao pôr do sol. A sua concretização será consequente da colaboração entre mim, os responsáveis pelo espaço em causa e todos os outros visitantes/participantes.

Apenas uma pessoa poderá entrar na sala de cada vez consoante a ordem de chegada. O

momento da acção é individual, sem pré-definição do tempo para execução da proposta. Enquanto a pessoa permanecer na sala, eu aguardarei no exterior junto à entrada de modo a prestar apoio técnico na mistura de cor, caso seja solicitado. Para além da luz natural, os outros materiais necessários são duas mesas e uma cadeira (equipamento do local); um ou mais quadros/suportes de parede para fixação das folhas de papel com as amostras de cor realizadas. A mesa ao pé da qual se coloca a cadeira terá um conjunto de cores primárias em tubos de tintas acrílicas (incluindo preto e branco); pincéis espatulados; base para secagem dos pincéis; espátula; paleta descartável (em bloco); pequeno recipiente para água; rolo de papel para limpeza; bloco de papel aguarela com espiral de formato A6 aproximadamente; caixa de pioneses brancos; caneta de tinta da china (cinzenta); lateralmente, no chão, caixote branco para colocar papel sujo de tinta.

A outra mesa terá dois recipientes brancos de igual formato com água (para lavar mãos e pincéis); um recipiente branco mais pequeno com sabão; rolo de papel para limpeza; lateralmente, no chão, caixote branco para colocar o papel usado. Todos os recipientes utilizados serão de plástico branco e do mesmo modelo, variando o tamanho.

Próximo da porta de entrada na sala, no exterior desta e em suporte de parede ou de chão (consoante o disponível no local) deverão estar as folhas da proposta para a acção a entregar a cada visitante/participante.

“Que cor tem agora o céu?” realizou-se pela primeira vez no dia 16 de Janeiro de 2010 no Ateliê 50 que integra o conjunto de ateliês municipais dos Coruchéus, em Lisboa. O projecto foi acolhido pelo grupo Nó - Colectivo de Colectivos coordenado por Nuno Sacramento, ocupante do espaço no momento. Ao entrar no edifício, o visitante/participante subia até ao terceiro e último andar. Em cada piso, ao longo de um comprido corredor/varanda, no lado esquerdo distribuíam-se as portas dos vários ateliês, e no lado direito tinha-se uma ampla vista de céu aberto sobre o jardim que envolve o Palácio dos Coruchéus (o percurso ascendente realizado ao longo do edifício, pelas escadas e patamares, permitia o contacto visual permanente com o exterior). O Ateliê 50 era o último, num dos topos extremos do edifício.

Foi utilizada a sala rectangular de pequena área, cuja parede de frente era quase totalmente preenchida por uma janela. No centro desta encontrava-se a mesa com material de pintura e a cadeira posicionadas de frente para a janela. A mesa com materiais para a lavagem dos pincéis estava posicionada lateralmente, à esquerda, e três quadros para fixação das folhas de papel estavam colocados na parede oposta à da janela.

Do interior da sala pouco céu se conseguia ver devido ao reduzido espaço existente entre as traseiras dos edifícios e a altura destes. A porção de céu possível de se ver era configurada pela massa arquitectónica circundante.

Nenhuma pessoa recusou realizar a acção proposta e, em média, cada uma demorou 10 minutos. Não houve solicitação de apoio para a mistura de cores. Participaram 45 pessoas ao longo de um período de 12 horas, aproximadamente. Estiveram presentes cerca de 60 mas o desaparecimento natural da luz já não permitiu as restantes participações. A acção decorreu das 06H30 às 18H22.

Considerando o Ateliê 50 enquanto local intencionalmente escolhido para a realização do projecto, há que salientar que foi tido em conta o carácter da utilização que o conjunto

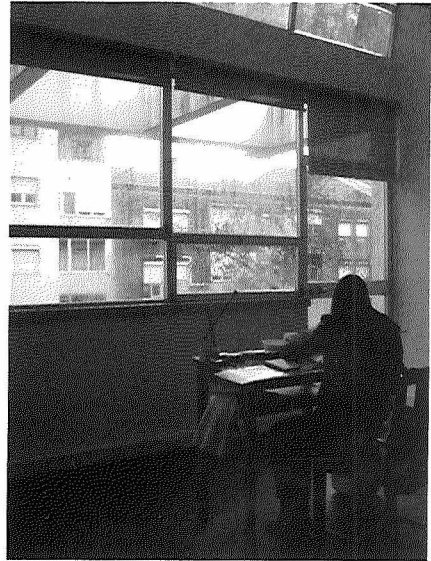


Figura 1 & 2

“Que cor tem agora o céu?”

Marta Traquino com a colaboração dos visitantes

Esquerda: Vista do acesso à instalação/acção

Direita: vista da instalação/acção

Ateliê 50 - Coruchéus, Lisboa

16 de Janeiro de 2010

de ateliês municipais no qual se integra tinha vindo a ter desde a sua inauguração. Em alguns casos, os ateliês estavam a ser ocupados pelos mesmos utilizadores já há mais de trinta anos. Pelo lado mais polémico do assunto, questionava-se o sub-aproveitamento do potencial destes espaços de trabalho/criação ao longo de quase quatro décadas, quer pelo pouco ou nenhum uso de alguns, quer pela inadaptação do tipo de uso praticado face às características dos espaços. Tendo em conta a sua qualidade de estruturas municipais, poderiam dar resposta a projectos artísticos com calendário e planos de trabalho concretos que dependem da possibilidade da utilização temporária deste género de espaços físicos na cidade.

Em contra-ponto a estes factos, “Que cor tem agora o céu?” activou veemente a função original do Ateliê 50 pelas acções criativas de 45 pessoas no curto tempo cronológico equivalente à luz do dia 16 de Janeiro de 2010.

O resultado final, de carácter colectivo, é constituído por um conjunto de pequenas folhas de papel com 45 amostras da cor do céu em diferentes momentos daquele dia, assinadas pelos seus autores. Cada uma caracteriza-se pelos factores subjectivos inerentes ao acto criativo proposto (cor, textura, forma, expressão, composição). Será realizada uma publicação/documento da acção, ainda em estudo, a conter a reprodução individualizada à escala real de todas as amostras. Cada participante receberá um exemplar.

Na realidade, a acção proposta começa logo no momento em que a pergunta “Que cor tem agora o céu?” é lida, ou ouvida, em qualquer dos suportes de divulgação do projecto. Começa no primeiro momento do acto perceptivo ao qual a pergunta induz. Olhar naturalmente para o céu é um gesto banal, até quotidiano, mas o olhar como reacção à pergunta será com uma qualidade de atenção específica, neste caso dirigida à tentativa de identificar a cor do céu num exacto momento.

“Cor” e “céu” são por si mesmas palavras potencialmente catalizadoras da imaginação. Foi curioso constatar, por exemplo, a liberdade tomada por parte de alguns jornalistas na divulgação do projecto ao utilizarem imagens de céus escolhidas por si em vez da imagem cedida para o efeito.

Lendo o pequeno texto que acompanha a informação da divulgação do projecto, torna-se claro que se trata de um convite para a percepção da cor do céu a partir de um determinado sítio na cidade, durante um determinado dia.

Ao decidir participar, num momento desse dia a pessoa toma um trajecto na cidade que vai do seu ponto de partida ao local indicado para a acção. Por outras palavras, uma das actividades desse seu dia será percorrer a cidade com o objectivo de ir ver que cor tem o céu a partir de um dado sítio. Não será, então, o percurso realizado já uma parte desse ver? Não será já parte da sua “resposta” à pergunta? Várias possibilidades de olhar o céu terão ocorrido entretanto, porções de diferentes dimensões e formas terão sido vistas, bem como cores diversas... todos estes dados gerados, ou filtrados, pelas condições dos meios e momentos em que aconteceram.

Chegando ao local anunciado para a instalação/acção, acresce ao decorrer deste processo um espaço interior com as condições necessárias para que o sugerido acto de olhar o céu se traduza na expressão de uma cor pintada sobre uma pequena folha de papel. Um espaço de passagem no qual o tempo de permanência equivale ao tempo do fazer de



Figura 3

“Que cor tem agora o céu?”

Marta Traquino com a colaboração dos visitantes

Vista da instalação/acção.

Ateliê 50 - Coruchéus, Lisboa.

16 de Janeiro de 2010

cada pessoa. Por vezes há tempos de espera, e então o tempo de permanência resulta da soma dos tempos do fazer de diferentes pessoas. O encontro entre si acontece não apenas pela conversa que pode surgir na partilha do motivo comum que as faz ali estar, mas também no momento a sós em que cada uma afixa a sua amostra de cor na parede, confrontando-a com as das outras realizadas pouco tempo antes naquele mesmo espaço em circunstâncias equivalentes. Como se de uma comunidade de estranhos se tratasse, estabelecida transitoriamente através da acção conjunta enformada pela expressão dos diferentes modos de ver detalhes de um espaço e tempo comuns. Uma possibilidade afim da urgência actual em se pensar e compreender o significado do estar em comum na Cidade. Como refere a crítica de arte Chantal Pontbriand, "para além das comunidades exclusivas, as comunidades do Eu que se reconhecem apenas através das características comuns, quer seja a linguagem, raça ou religião".¹

Um estar em comum com lugar para a representação do ser "qualquer" que é "o ser que vem", invocando as palavras do filósofo Giorgio Agamben no seu livro "A comunidade que vem".

A pergunta "Que cor tem agora o céu?" é dirigida a qualquer um, mas a acção sugerida como meio para a resposta é em si um processo de criação, e como tal será realizada enquanto acto consequente de uma escolha pessoal ainda que o seu sentido se intensifique por relação com o resultado conjunto. Como refere Agamben, "A passagem da potência ao acto, da língua à fala, do comum ao próprio acontece sempre nos dois sentidos, segundo uma linha de cintilação alternativa em que a natureza comum e singularidade, potência e acto se tornam reversíveis e se penetram reciprocamente".²

Neste sentido, este projecto poderá ecoar da seguinte declaração do filósofo Michel Onfray, quando diz: "Repolitizar a arte (não como uma arte política, no sentido militante do termo) implica a introdução de um conteúdo capaz de produzir um "agir comunicacional" segundo a expressão de Habermas".³ Considerando aqui que político será qualquer acto pacífico por parte do indivíduo que procura na cidade dos espaços públicos envidraçados o seu espaço de representação. Lembrando a expressão da filósofa política Hannah Arendt, um simples acto pode tornar-se uma acção política na esfera pública. Agamben recorda-nos de que "A singularidade qualquer, que quer apropriar-se da própria pertença (...) é o principal inimigo do Estado. Onde quer que estas singularidades manifestem pacificamente o seu ser comum, haverá um Tienanmen e, tarde ou cedo, surgirão os tanques armados".⁴

Algumas pessoas são extremamente atentas aos dados físicos do espaço no qual se encontram por relação com a posição que nele ocupam, procurando ser rigorosas na amostra de cor realizada. Outras pintam antes uma amostra da cor do céu que lhes vai dentro. Na sua maioria dizem obrigado quando partem. Porque? Talvez a situação proporcionada tenha a ver com o que refere a crítica de arte Nathalie Delbard: "Restituindo ao indivíduo a sua singularidade, a arte contemporânea permite-lhe então encontrar um lugar. Enfrentando o mundo, no mundo, ele está pronto a sair de si mesmo, pronto a ser uma zona de trocas".⁵

Trata-se de uma proposta que se posiciona à margem do caudal do fluxo informativo que nos torna incapazes de agir, fluxo que nos remete para uma geografia virtual que



Figura 4

“What colour has the sky got now?”

Marta Traquino com a colaboração dos visitantes

Vista da instalação/acção

SECONdroom/moorDNOCES, Bruxelas

22 de Maio de 2010



Figura 5

"What colour has the sky got now?"

Marta Traquino com a colaboração dos visitantes

Vista da espera para acesso à instalação/acção

SECONDRoom/moorDNOCES, Bruxelas

22 de Maio de 2010

não conseguimos circunscrever com corpo e nem pelo pensamento. Considerando o que refere o filósofo Santiago Kovadloff: “Um homem privado de subjectividade é um homem privado de discernimento, um homem que se tem ausentado de si, banido da percepção temporal, isto é, da dinâmica da sua pessoa. E, se levarmos em conta a nossa caracterização da actualidade, diremos então que o homem do nosso tempo, esvaziado de subjectividade, ao ficar à mercê da sucessão ininterrupta dos factos, perde o seu presente. Quando essa sucessão ininterrupta dos factos recebe o nome de manchetes ou notícias, o homem sem subjectividade que delas se alimenta, passa a constituir-se um telespectador”.⁶

Na origem, a criação deste projecto considera assim três domínios de questões articulados entre si e que se relacionam com: a especificidade da sala onde acontece em relação com o edifício do qual faz parte (função, uso, dados formais, entre outros); factores relativos às possibilidades de percepção visual do interior para o exterior dos espaços edificados na cidade que quotidianamente vivenciamos (conotados com dimensões sociais, psicológicas, económicas, e outras, tomando a Janela enquanto dado da morfologia arquitectónica pelo qual estas se podem subentender); a dimensão metafórica do acto criativo proposto ao visitante/participante, através do qual os aspectos referidos podem ser activados pelo exercício da subjectividade individual, da construção do ponto de vista pessoal, ou seja, pela criação como modo de acção. No dia 22 de Maio de 2010 o projecto “Que cor tem agora o céu?” realizou-se em Bruxelas no espaço moorDNOCES, em colaboração com a sua equipa, o Vienna International Apartment e os outros visitantes/participantes. No futuro, terá lugar ainda noutras cidades. A realização em diferentes cidades de diferentes países torna evidentes as possibilidades de articulação entre dados locais e factores globais (sem que os segundos anulem os primeiros), reflectidas e expressas pela singularidade do indivíduo em relação com o espaço urbano que o envolve. Uma obra em desenvolvimento que aspira à ideia da escritora e activista Jane Jacobs de que as cidades têm a capacidade de proporcionar algo para todos só porque, e somente quando, são criadas por todos.

Penso que as cidades terão na sua origem uma casa construída em acordo com a orientação do percurso do sol. A propósito de... que cor tem agora o céu?

19 de Outubro de 2010

Notas

¹ PONTBRIAND, Chantal, in *PARACHUTE 100 / The Idea of Community 01*. Out. Nov. Dez. 2000, p.8.

² AGAMBEN, Giorgio, *A comunidade que vem*, (1990), Editorial Presença, 1993, p. 24.

³ ONFRAY, Michel, *A Potência de Existir*, (2006), Campo da Comunicação, 2009, p. 162.

⁴ AGAMBEN, Giorgio, *Idem*, p. 68.

⁵ DELBARD, Nathalie, «*La photographie, vers une communauté sur mesure*», in *PARACHUTE 100 / The Idea of Community 01*, Out. Nov. Dez. 2000, p. 81.

⁶ KOVADLOFF, Santiago, «*A Construção do Presente: Feições Filosóficas do Conceito de Trauma*», in *O Estado do Mundo*, Edições Tinta da China/Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, p. 224.